

## SUMÁRIO

MILHO .....	2
TRIGO .....	2
FRUTAS .....	3
SUÍNOS .....	3
LEITE .....	4
FRANGO .....	5
OVOS .....	6

Prezados leitores, O boletim conjuntural paranaense da semana 33 destaca que a colheita da segunda safra de milho 2024/25 já atinge 80% da área plantada, superando a média das últimas cinco safras, favorecida pelo plantio na janela ideal e pelo clima seco no período de colheita. A produtividade é elevada e, mesmo com preços menores que no início do ano, a rentabilidade permanece positiva. No trigo, as primeiras áreas colhidas representam menos de 0,5% da safra estadual e indicam produtividades normais e boa qualidade, mas a continuidade dos trabalhos deverá confirmar perdas na região de Londrina, uma das mais afetadas pelas geadas do final de junho.

Na fruticultura paranaense, que ocupa 54 mil hectares e produziu 1,4 milhão

de toneladas em 2024, laranja, banana, tangerina, melancia e uva lideram a produção, respondendo por 68% do total estadual, reforçando a importância da diversificação de cultivos e do consumo de frutas da estação.

Na suinocultura, exportações para mercados de maior valor agregado seguem concentradas em Santa Catarina, incluindo vendas para os EUA, podendo gerar efeitos indiretos no Paraná com a aplicação das tarifas. Nos ovos, o crescimento expressivo das exportações brasileiras, puxado pela demanda dos EUA, enfrenta incertezas após a nova tarifa de 50% aplicada ao produto. Na avicultura, o Paraná segue como maior produtor e exportador nacional ao longo desse ano. Em julho, o estado exportou 152,1 mil toneladas, 19,2% a menos que no mesmo mês de 2024, refletindo os impactos dos embargos sanitários, embora a retomada gradual dos mercados externos sinalize uma recuperação nos próximos meses. No leite, houve alta nos preços ao consumidor e ligeiro recuo na remuneração ao produtor, com a captação em alta.

Boa leitura!

**Boletim Conjuntural Semana 33/2025 – 14 de agosto de 2025**

**MILHO**

*Adm. Edmar Wardensk Gervasio*

A colheita da segunda safra de milho 2024/25 atingiu 80% dos 2,77 milhões de hectares plantados nesta safra. Este percentual de colheita é ligeiramente acima da média histórica das últimas 5 safras. O melhor desempenho na colheita nesta safra aconteceu pelo plantio dentro do período preconizado pelo zoneamento agrícola, e principalmente por condições de clima favoráveis para a colheita durante o mês de julho e nesta primeira quinzena de agosto. Na reta final de colheita os relatos de campo confirmam uma ótima safra e mesmo com preços menores que no início do ano ainda deve remunerar de forma satisfatória o produtor paranaense.

**TRIGO**

*Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho*

Foram registradas em nosso acompanhamento de safras as primeiras áreas colhidas de trigo no estado, ainda que representem menos de 0,5% dos 833 mil hectares dedicados a cultura no Paraná. Essas áreas, especialmente na região de Londrina, apresentaram produtividade dentro da normalidade, não tendo sido impactadas pelas geadas. Por ser muito

incipiente, a evolução dos trabalhos de colheita poderá revelar uma realidade diferente. Ainda assim, o resultado inicial dentro da normalidade é um ponto a se comemorar, considerando que a região deve ser uma das mais afetadas pela frente fria registrada no final de junho.

Outro aspecto a destacar é a qualidade do produto, que deve corresponder à classificação prevista no momento da escolha das variedades pelos produtores. Entre as variedades mais utilizadas pelos tricultores, mais da metade é apta a gerar trigos da classe “pão” e um pouco menos da metade trigos da classe “melhorador”. No entanto, as condições climáticas são determinantes para essa proporção, podendo até alterá-la para patamares melhores.

Os preços registrados na maioria das praças, de R\$ 76,00 por saca, já apresentam leve queda em relação a julho e estão praticamente iguais aos observados há um ano, em meados de agosto. Tal patamar pode ser considerado positivo para os produtores, diante da desvalorização do dólar e da queda dos preços internacionais, tanto no último mês quanto no último ano, de forma mais intensa que a observada no mercado doméstico. Para os produtores que colheram essas primeiras áreas, com

**Boletim Conjuntural Semana 33/2025 – 14 de agosto de 2025**

produtividade normal e boa qualidade, as margens sobre os custos variáveis são positivas, ainda que pouco expressivas.

## FRUTAS

*Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

Em um recorte sobre as principais espécies cultivadas na fruticultura mundial, no Brasil e em nosso estado, percebe-se uma concentração em algumas frutas apesar da diversidade explorada.

A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO/ONU) levantam 39 espécies, entre frutas frescas, nozes e castanhas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE contempla 24 frutas nos levantamentos anuais (Pesquisa Agrícola Municipal/PAM) e 34 nos extemporâneos Censo Agropecuários. E este DERAL acompanha anualmente 37 frutícolas.

Quando consideramos os volumes obtidos no âmbito mundial, as cinco principais frutas em ordem são: a banana, a melancia, a maçã, a uva e a laranja. Nos pomares brasileiros imperam: a laranja, a banana, o abacaxi, o coco e a melancia. No Paraná as principais espécies são: a laranja, a banana, a tangerina, a melancia e a uva.

Tanto no aspecto nacional e estadual a maçã figura em décimo lugar.

Em 2023 a superfície com frutas no mundo foi de 104 milhões de hectares (ha) para uma produção de 1,0 bilhão de toneladas, no Brasil aferiu-se uma área de em 3,1 milhões de hectares e colheitas de 44,9 milhões de t. em nosso estado nos 54 mil ha com pomares foram extraídos 1,4 milhão de toneladas (2024).

Elencadas a banana, a laranja, a maçã e a uva, participam com 40% dos volumes mundiais do setor, 52% das colheitas nacionais e 68% das quantidades saídas dos pomares paranaenses.

Estes números demonstram a necessidade de se ampliar o consumo de outras frutas, experienciando variadas cores, texturas e sabores, buscando aquelas da estação e estimulando ao mesmo tempo a diversificação no campo e dos hábitos alimentares saudáveis.

## SUÍNOS

*Méd. Veterinária Priscila Cavalheiro Marcenovicz*

Segundo dados do Agrostat/Mapa, no 1º semestre de 2025, o Japão foi o país que melhor remunerou a carne suína in natura brasileira, com um valor médio de

**Boletim Conjuntural Semana 33/2025 – 14 de agosto de 2025**

US\$ 3,46 por quilograma, quando comparado aos 20 principais destinos em termos de volume.

Além do Japão, outros países que pagaram acima da média geral de exportação do produto – estabelecida em US\$ 2,54 no período – incluem: Estados Unidos, Canadá, Emirados Árabes Unidos, Singapura, Argentina, Uruguai, Hong Kong e Vietnã, conforme detalhado na tabela a seguir.

**Exportação CARNE SUÍNA in natura – BRASIL  
1º semestre 2024 e 2025**

Países	Preço(US\$/kg 1º sem 2024	Preço (US\$/kg 1º sem 2025
1 JAPÃO	3,24	3,46
2 ESTADOS UNIDOS	3,06	3,25
3 CANADÁ	2,80	3,11
4 EMIR. ÁRABES UN.	2,50	2,95
5 SINGAPURA	2,43	2,91
6 ARGENTINA	2,51	2,81
7 URUGUAI	2,31	2,78
8 HONG KONG	2,23	2,59
9 VIETNÃ	2,29	2,55
10 GEÓRGIA, REP.DA	2,12	2,54
11 CHILE	2,14	2,51
12 PORTO RICO	2,28	2,48
13 FILIPINAS	2,34	2,42
14 COREIA, REP.SUL	2,46	2,36
15 MÉXICO	2,36	2,36
16 CHINA	2,07	2,13
17 CONGO, REP.DEM.DO	1,63	1,80
18 ANGOLA	1,33	1,76
19 LIBÉRIA	0,78	0,54
20 COSTA DO MARFIM	0,67	0,49
TODOS OS PAISES	2,28	2,54

Fonte: Agrostat/Mapa

Os três países que registraram os maiores valores pagos pela carne suína in natura – Japão, Estados Unidos e Canadá – adquirem grandes volumes exclusivamente de Santa Catarina. Essa preferência se deve ao status sanitário diferenciado do Estado, reconhecido como livre de febre aftosa sem vacinação bem antes dos demais estados brasileiros.

Dessa forma, as tarifas de 50% recentemente aplicadas pelos Estados Unidos sobre as exportações de carne suína brasileira não devem afetar diretamente o Estado do Paraná. No entanto, efeitos indiretos não estão descartados, em razão da possível destinação dessa produção a mercados concorrentes do Paraná.

Cabe destacar que a categoria “carne suína in natura” compreende tanto carcaças quanto diversos cortes de carne suína – resfriados ou congelados –, que podem apresentar variação significativa de preço, conforme o tipo de produto adquirido por cada país importador.

**LEITE**

*Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva*

Os derivados lácteos mais consumidos apresentaram alta na média de preços de julho. Foi o caso do leite longa

**Boletim Conjuntural Semana 33/2025 – 14 de agosto de 2025**

vida, que atingiu R\$ 5,04 nos supermercados paranaenses, e do queijo muçarela, comercializado em a R\$ 52,52/kg no último mês, altas de 1,25% e 0,62% respectivamente, conforme dados de preços no varejo da Seab/Deral.

Apesar do inverno mais rigoroso do que nos anos anteriores, a captação se manteve em alta a nível nacional. Segundo o Cepea, após os três primeiros meses do ano registrarem queda, entre abril e junho todos os meses registraram variação positiva, sendo 2,99%, 1,13% e 3,31% respectivamente. No Paraná, o produtor recebeu R\$ 2,80 por litro de leite comercializado em julho, 1,13% a menos do que no mês anterior, mas ainda 1,58% a mais do que no mesmo mês de 2024.

## FRANGO

*Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), no acumulado de sete meses de 2025, as exportações brasileiras de carne de frango, considerando todos os produtos, entre in natura e processados, cresceram 1,5% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 5,609 bilhões, em relação ao valor acumulado de 2024 (US\$ 5,525 bilhões). Já

em termos de quantidade exportada houve uma retração de 1,7% (2025: 3 milhões de toneladas e 2024: 3,052 milhões de t).

Considerando apenas o mês de julho do ano corrente, as exportações totalizaram 399,7 mil toneladas, 13,8% menor em relação ao registrado no mesmo período do ano passado (com embarques de 463,7 mil toneladas em julho de 2024) mas, ao mesmo tempo, supera em 16,4% o total exportado em junho deste ano (com 343,4 mil t). A receita registrada em julho chegou a US\$ 737,8 milhões, saldo 17% menor em relação ao ano anterior (com US\$ 889,2 milhões), mas 15,8% maior na comparação com junho, US\$ 637 milhões.

No acumulado até julho de 2025, o Paraná exportou 1,190 milhão de t e faturou US\$ 2,181 bilhões, números menores sobre igual período do ano anterior, respectivamente -5,7% e -4%. Maior estado produtor e exportador do Brasil, o Paraná embarcou em julho 152,1 mil t, volume 19,2% menor em relação ao mesmo período do ano passado. Em seguida estão Santa Catarina, com 95,3 mil t (-7,6%), Rio Grande do Sul, com 46,2 mil t (-22,5%), São Paulo, com 26,8 mil t (+3,8%) e Goiás, com 22,8 mil t (+4,2%).

O principal destino das exportações de carne de frango do Brasil, os Emirados

**Boletim Conjuntural Semana 33/2025 – 14 de agosto de 2025**

Árabes Unidos importaram 51,7 mil toneladas em julho, saldo 33,6% superior ao embarcado no mesmo período do ano passado, com 38,7 mil toneladas. Em seguida estão Japão, com 42,9 mil t (-9,3%), México, com 36,4 mil t (+45,6%), Arábia Saudita, com 31,4 mil t (+19,7%), Angola, com 16,1 mil t (+68,7%), Singapura, com 13,6 mil t (+8,8%), Reino Unido, com 12,7 mil t (+84,3%), Kwait, com 11,6 mil t (+13,3%), Gana, com 10,9 mil t (+131,1%) e Hong Kong, com 10,2 mil t (+72,5%).

Com pode ser visto, constata-se um impacto negativo nas exportações, como decorrência dos embargos devido o foco identificado de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade (IAAP) na avicultura comercial, no Rio Grande do Sul, no Município de Montenegro. Mas, com a publicação da autodeclaração do Brasil de Livre de Influenza Aviária junto à Organização Mundial de Saúde Animal, a maioria dos mercados retomaram o fluxo das exportações e outros caminham para restabelecer a normalização da importação de produtos avícolas.

Na data de 8/8, o MAPA divulgou a situação atual das restrições das exportações brasileiras de carne de aves, conforme segue:

Sem restrição de exportação: África do Sul, Albânia, Angola, Argélia, Argentina, Bahrein, Bolívia, Bósnia e Herzegovina, Catar, Coreia do Sul, Cuba, Egito, El Salvador, Emirados Árabes Unidos, Filipinas, Hong Kong, Índia, Iraque, Jordânia, Kuwait, Lesoto, Líbia, Marrocos, Mauritânia, México, Mianmar, Montenegro, Paraguai, Peru, República Dominicana, Reino Unido, Singapura, Sri Lanka, Turquia, Uruguai, Vanuatu e Vietnã.

Suspensão total das exportações de carne de aves do Brasil: Canadá, Chile, China, Macedônia do Norte, Malásia, Paquistão, Timor-Leste, União Europeia.

Suspensão restrita ao estado do Rio Grande do Sul: Arábia Saudita, Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Namíbia, Omã, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão e Ucrânia.

Suspensão limitada aos municípios Campinápolis e Santo Antônio da Barra: Japão

Suspensão limitada à zona: Maurício, São Cristóvão e Nevis, Suriname e Uzbequistão.

## OVOS

*Med. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva*

De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) no acumulado entre janeiro a julho de 2025, a

**Boletim Conjuntural Semana 33/2025 – 14 de agosto de 2025**

exportação de ovos, incluindo produtos in natura e processados, alcançou 30.174 toneladas exportadas, volume 207,3% superior ao registrado no mesmo período do ano passado (9.818 toneladas). Quando se trata da receita cambial no período em questão, alcançou a US\$ 69,567 milhões, incremento de 232,2% em relação aos US\$ 20,940 milhões obtidos entre janeiro a julho do ano anterior.

Os Estados Unidos da América (EUA) seguem como principal destino das exportações brasileiras de ovos, com 18.976 toneladas embarcadas nos sete primeiros meses do ano (+1.419%) e receita de US\$ 40,7 milhões (+1.769%). Em seguida, aparecem o Chile, com 2.562 t (-27,9%) e US\$ 7.533 milhões, Japão, com 2.019 t (+175,2%) e US\$ 4,689 milhões (+163,3%), e o México, com 1.843 t e US\$ 8,135 milhões. Outros destaques no período incluem Angola (889 t), Emirados Árabes Unidos (1.677 t), Uruguai (428 t) e Serra Leoa (473 t).

Considerando apenas o mês de julho de 2025 as exportações brasileiras de ovos totalizaram 5.259 toneladas, número que representa alta de 304,7% em relação ao volume registrado no mesmo período do ano passado, com 1.300 toneladas embarcadas. A receita gerada pelos embarques em julho

alcançou US\$ 11,808 milhões, saldo 340,9% superior ao obtido no mesmo mês de 2024, com US\$ 2,678 milhões.

No entanto, o futuro desse mercado nos Estados Unidos enfrenta agora uma grande incerteza. A partir de 6 de agosto, os Estados Unidos passaram a aplicar uma tarifa de 50% sobre inúmeros produtos brasileiros, dentre os quais os ovos. Assim, restam expectativas sobre o que acontecerá com as exportações do produto, que vinha conquistando a passos largos o mercado americano, que continua sofrendo com a menor oferta do produto, devido o ressurgimento em 2024 de ocorrências de Gripe Aviária (H5N1) em sua avicultura de postura comercial, surto esse que atingiu os EUA pela primeira vez em 2022.

A escassez de ovos consumo nos Estados Unidos é principalmente devida a um surto de gripe aviária (H5N1), que levou ao abate de milhões de aves, incluindo galinhas poedeiras (mais de 40 milhões, em 2024, de acordo com o Departamento da Agricultura dos EUA), visando conter a propagação do vírus e erradicá-lo. A redução drástica na produção resultou em preços mais altos e prateleiras vazias nos supermercados, o que abriu uma oportunidade para as exportações brasileiras que, agora, pode ser afetada pela nova tarifa.